

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

CONSELHO EDITORIAL

M. F. DO NASCIMENTO BRITO
PresidenteWILSON FIGUEIREDO
Vice-Presidente

REDAÇÃO

MARCELO PONTES
EditorPAULO TOTTI
Editor ExecutivoMARCELO BERABA
Editor ExecutivoORIVALDO PERIN
Secretário de RedaçãoSÉRGIO RÊGO MONTEIRO
DiretorEDGAR LISBOA
Diretor Agência JB

*Economia
Brasil*

Momento Decisivo

Futebol é momento, costumam dizer os técnicos de clube. Economia, também, embora os economistas sejam mais comedidos. Dialética por natureza, a economia não permite viver dos louros do passado. A menor taxa mensal de inflação desde 1958 (0,23% em São Paulo, em março) nem chegou a ser celebrada pelo governo. A confusão em torno da liberação-aumento dos combustíveis deve quadruplicar a taxa em abril.

Mais do que esse repique estatístico — perfeitamente assimilável se a vocação inflacionária e cartelizadora das áreas ainda não arejadas pela concorrência deparar-se com a heróica resistência do consumidor — preocupam efetivamente ao governo os sinais de esgotamento do fôlego monetário-cambial para garantir a estabilização da economia.

Chega a ser enfadonho repisar que a única garantia duradoura de estabilização da economia vem da área fiscal. O equilíbrio fiscal não é fixação da ortodoxia econômica. É o pressuposto da definição dos campos de atuação do Estado e do setor privado nas economias de mercado. Fiscal por excelência da sociedade, o Congresso vigia a execução orçamentária para evitar que o Estado avance sobre a poupança privada, desorganizando a economia.

No Brasil, a resistência política à adoção de medidas institucionais e estruturais destinadas a promover o equilíbrio fiscal revela o inconformismo com a derrota do sonho do Estado provedor e gerenciador. A economia de planejamento central não foi capaz de atender às demandas das sociedades do Leste Europeu e ruiu com o Estado soviético.

É exatamente esse ativismo político nostálgico, ainda vocalizado no Congresso, que está entravando a tomada de medidas corajosas por parte do governo Fernando Henrique para redefinir o quanto antes o Estado brasileiro, marcando claramente o campo de suas responsabilidades sociais e a área de atuação do setor privado.

Mais que a sustentação de um sonho utó-

pico, o ativismo político está hoje apenas defendendo a face mais perversa do fracasso do modelo estatizante de desenvolvimento brasileiro. O corporativismo egoísta, incrustado nos estamentos estatais, sofreu duro golpe com a aceitação plena da privatização pela sociedade. O aumento da eficiência das empresas sob gestão privada provou a incapacidade do Estado como empresário e regulador exclusivo das atividades econômicas.

Resiste, porém, com a forte convivência dos políticos, o corporativismo do funcionalismo público, que recorre a toda a sorte de expedientes para manter cargos e privilégios. Os longos anos de fisiologismo explicam mas não justificam a reação dos congressistas a dar consequência às reformas modernizadoras da Constituição que eliminam vantagens inaceitáveis para o contribuinte que paga tudo. E o que dizer do sentido ético dos procuradores e juizes que se escudam em leis e dispositivos caducos diante da realidade fiscal e financeira do país para sustentar privilégios como fatos de direito adquirido?

Apenas 21 meses de estabilização e de recuperação do poder de compra foram suficientes para provar à sociedade que não passava de mistificação a tese das elites empresariais (adotada por larga faixa dos políticos) de que um pouco de inflação — e de déficits fiscais — ajudava a desenvolver o Brasil, gerando maior concentração de renda.

Os políticos e administradores que se vangloriam das obras que acreditam deixar para a posteridade, mas escondendo déficits e dívidas que ficam para o contribuinte pagar, relutam em adotar as medidas modernizadoras que mudariam a natureza do discurso político no Brasil. A opinião pública torce para que a atual safra de economistas responsável pelo mais bem-sucedido plano de estabilização nos últimos 30 anos continue com condições objetivas para combinar inflação baixa com crescimento. E não perdoará os que jogarem fora essa conquista.